

**O RESGATE DO GÊNERO ENSAIO E SEU PAPEL NO  
JORNALISMO CONTEMPORÂNEO**

**Rodrigo Volponi<sup>1</sup>**

**Resumo:**

A proposta deste artigo é estimular a reflexão sobre o formato, a abrangência e a importância atuais do gênero ensaio como narrativa jornalística. De maneira geral, o ensaio se propõe a tecer sentidos nos mais diversos campos do saber, em função do seu formato que busca produzir significados e articular alguma ordem possível no caos da vida e do mundo, por meio do conhecimento adquirido com a experiência, a observação e o entendimento da polifonia e da polissemia dos temas que nos cercam. Para essa conversa foram abraçadas ideias e visões de autores como Künsch, Lima, Morin, Català, Montaigne e Adorno.

**Palavras-chave:** Ensaio Jornalístico. Construção de Conhecimento. Ato de compreender. Ato de reportar.

**Sobre aquilo que me incomoda**

Em uma das primeiras aulas da disciplina de metodologia no mestrado, ministrado pela Profa. Dra. Simoneta, uma frase me mostrou que estava no caminho certo. Ela dizia que para se fazer uma pesquisa é preciso estar incomodado com alguma coisa. Nesse primeiro momento vou chamar essa coisa de jornalismo, especificamente o jornalismo praticado nos grandes veículos de comunicação.

Um jornalismo de agenda, que se replica de canal em canal, página a página e compartilhado freneticamente nas redes sociais. Um movimento constante de reprodução sem um trabalho sério de investigação, análise ou reflexão dos temas abordados. Na maioria das vezes, superficialmente amparado em expressões como: segundo o, de acordo com, fontes internas disseram que. Textos frios e com nenhum vigor. Manchetes sensacionalistas e conteúdos homogêneos e previsíveis. Um texto

---

Mestrado pela Faculdade Cásper Líbero. Email: [rodrigo@volponionline.com](mailto:rodrigo@volponionline.com).

amparado tão somente no signo da explicação, o qual aposta na preguiça dos leitores de refletir sobre temas realmente importantes para a sociedade. Isso me fez questionar o formato predominante no jornalismo contemporâneo. Será que isso é isso mesmo e pronto? Que não existe uma alternativa plausível para essa ausência de criatividade, critério e profundidade? Apenas engolimos essas notícias como alimentos de redes de *fastfood*? E o tempero? E a degustação? E a tal da harmonização? Será que perdemos o paladar?

Foram esses alguns dos motivos que fizeram com que eu restringisse a frequência de utilização da televisão aberta, do jornal impresso e diversos portais de notícias irrelevantes ou apenas superficiais para o meu ponto de vista. Hoje, me reservo no direito de ler e assistir análises, reflexões, textos e documentários desenvolvidos de formas ensaísticas, pois o que me interessa são também os argumentos e não apenas os “fatos”, as vozes das pessoas e não apenas as dos chamados “especialistas”, as reflexões do outro e não o reflexo de visão de mundo sempre dos mesmos.

Em outra aula, do Prof. Dr. Dimas Künsch, anotei uma frase que me fez refletir sobre como questionar tudo isso: “As vozes que falam comigo.” Comecei a prestar mais atenção nelas e, de alguma forma, procurar embasá-las por meio de argumentos; pois de ideias o pensamento está cheio, mas de entendimento humano e vigor o mundo está carente.

Como não poderia fazê-lo sozinho comecei a dialogar com vozes que me chamaram atenção pelo seu timbre autêntico, atual e pertinente. Vozes que ressoam há mais de cinco séculos diretamente de um castelo na Dordonha, na França, como a de Michel de Montaigne, o precursor do ensaio. Vozes que falam de um tal pensamento complexo e sobre alguns saberes necessários à educação do futuro, de um sujeito nascido no século passado, mas também francês, Edgar Morin. Vozes espanholas de um estudioso que discute a estética do gênero ensaio, Josep Català. Vozes de um brasileiro de descendência alemã que dissemina aos seus alunos a beleza do pensamento compreensivo, Dimas Künsch. Vozes que independente de suas origens falam comigo.

Percebi que essa polifonia que me rondava me apontava um caminho. Caminho esse que poderia até chamar de resgate, pois nada de novo estava sendo dito, escrito ou pensado. Mas por ser tão potente e tão contemporâneo merecia uma atenção especial de minha parte. Posso até chamar esse caminho, neste momento, de missão. E conseqüentemente chamar essa missão de resgate. Isso, esse texto é sobre um resgate.

## **Um resgate**

Um resgate de um gênero que surgiu no século XVI e que até hoje continua sendo praticado por pessoas que procuram evitar dogmas e que já não aceitam mais a ideia de verdades absolutas. Pessoas que têm a consciência, de que nenhum texto ou imagem é suficiente para suprir a diversidade de pontos de vista possíveis sobre o mundo. Pessoas que apreciam o raciocínio científico sim, mas que não abrem mão da cultura humana. Essa história se inicia com um certo francês que deixa de lado, por um período, a vida do outros e busca compreender primeiramente a sua e depois, claro, a dos outros, por meio de suas anotações e reflexões sobre a vida.

Não é, de forma alguma, um texto que se propõe a explicar o que é certo ou errado, ou o que funciona e o que não, pelo menos no campo jornalístico. Mas um texto que trata da importância do gênero. Que busca mostrar, à luz da racionalidade, todo o poder que a subjetividade exerce sobre o homem, mesmo esse, em muitos momentos, não a reconhecendo.

Trata de forma um pouco cética a imparcialidade praticada no campo. Fala sobre a construção do real. Sobre a influência das estruturas invisíveis. Visita os aparelhos ideológicos de estado para entender as influências que eles exercem. Questiona a relação de *news* e *views* no espaço dos grandes veículos de comunicação. Trata do poder simbólico e dos agentes sociais na grande mídia. E aponta um caminho nada novo, mas, mais atual do que nunca. Trata da legitimidade das formas de construção e expressão do conhecimento.

A tentativa é estimular a reflexão sobre o formato, a abrangência e a importância atual do gênero ensaio como narrativa jornalística. Mostra como o ensaio se propõe a tecer sentidos e gerar conhecimento nos mais diversos campos do saber, em função do seu formato que busca produzir significados e articular alguma ordem possível no caos da vida e do mundo por meio das narrativas, sempre essenciais ao homem.

Um gênero que se utiliza do conhecimento adquirido com a experiência, a observação e o entendimento da polifonia e da polissemia dos temas que nos cercam. Um gênero que busca o equilíbrio entre a razão e a emoção. A proposta não é enfrentar os cientistas e tão pouco os filósofos, mas validar a crença que os dois poderiam passear juntos, de mãos dadas e interagindo com suas visões. Juntos eles são mais potentes.

Pretende-se mostrar e identificar as características que o diferenciam de outros gêneros de produção de informação de atualidade e de construção do conhecimento. Podemos até apostar que se trata de uma alternativa ao excesso de aspas dos textos, da ditadura das fontes, do recorte frio e superficial dos fatos, das entrevistas feitas por telefone, da agenda das redações, desse mundo frio e gélido da notícia que atrofia o nosso cérebro.

## **Visões sobre o ensaio**

Todos nós em algum momento ou parte de nossas vidas procuramos por definições, infelizmente ou não, dependendo do grau de evolução de cada um, elas acabam por nos limitar, engessar. Prefiro, nesse momento, a palavra *visões*. Durante a pesquisa sobre o gênero estudado encontrei algumas que conversam com a minha visão do que vem a ser o ensaio.

No dicionário Michaelis, por exemplo, “ensaio” tem a definição de uma prova, uma experiência, uma análise. Uma tentativa de discurso sobre algo. Apresentação de um determinado assunto, seja ele filosófico, científico, histórico ou de teoria literária, caracterizado pela síntese e pelo tratamento crítico. Já a palavra *essay* deriva do

infinitivo francês *essayer*, que quer dizer tentativa. Em inglês *essay* significa, primeiramente, uma experimentação ou uma tentativa, um sentido alternativo. Adorno em seu texto *Ensaio Como Forma* identifica as características do gênero no trabalho de Montaigne.

O grande Sieur de Montaigne talvez tenha sentido algo semelhante quando deu a seus escritos o admiravelmente belo e adequado título de *Essais*. Pois a modéstia simples dessa palavra é uma altiva cortesia. O ensaísta abandona suas próprias e orgulhosas esperanças, que tantas vezes o fizeram crer estar próximas de algo definitivo: afinal, ele nada tem a oferecer além de explicações de poemas dos outros ou, na melhor das hipóteses, de suas próprias ideias (ADORNO, 2003, p. 25).

Josep Català, aquele espanhol todo complexo em sua imagem, cita em seu livro *A Estética do Ensaio* uma definição feita no prólogo do livro *The Best American Essays* (2007), onde termos vigorosos como *sedução* aparecem distinguindo um pouco mais este gênero de outros.

Una de las definiciones más precisas del ensayo literario se puede encontrar, sorprendentemente, en el prólogo de una antología de ensayos norteamericanos. Según su autor, los ensayos son “autobiográficos, autorreflexivos, estilísticamente seductores, intrincadamente elaborados y promovidos más por presiones literarias internas que por situaciones externas” (CATALÀ, 2014, p. 11).

Já Künsch e Carraro, no XXXIV Intercom, apresentaram um artigo tendo em sua moldura teórica (adorei o termo) o que eles chamam de signo da compreensão, propondo, desta forma, a defesa do ensaio como um gênero essencial na contemporaneidade por possuir características tão relevantes como o dinamismo, a sutileza, a liberdade e seu parentesco com a retórica, a qual não se dobrou a Descarte ou Bacon.

O ensaio não nega um parentesco com a retórica, “que a mentalidade científica, desde Descartes e Bacon, quis expulsar”. Para Adorno, “as satisfações que a retórica quer proporcionar ao ouvinte são sublimadas no ensaio na ideia de felicidade de uma liberdade frente ao objeto”. Está em condições, nesse sentido, de “dar à linguagem falada algo que ela perdeu sob o domínio da lógica discursiva”. O ensaio não se apraz em negar a lógica. Não é alógico. Obedece a “critérios lógicos na medida em que o conjunto de suas frases tem de comportar-se coerentemente. Só que a lógica de que aqui se fala é diferente da lógica

discursiva tradicional. Possui dinamismo. É silenciosamente dócil na tradução dos pensamentos do ensaísta (KÜNSCH, 2011, p. 10).

Josep Català em seu mais recente estudo sobre o gênero ensaio também explora esse tipo de divisão e suas características:

Lopate, manteniéndose en el ámbito literario, propone seguir con una tradicional división entre ensayo forma y ensayo informal. El ensayo formal, como indica el autor, no puede distinguirse prácticamente de aquella expresión teórica en prosa para la que el efecto literario mantiene una posición secundaria con respecto a la seriedad del propósito principal. No habría, pues, mucha diferencia entre un ensayo formal y un tratado...Por el contrario, el ensayo informal es mucho más interesante y la definición que recoge Lopate del mismo amplía considerablemente la que estábamos manejando. Según él, el ensayo informal se caracteriza por “los elementos personales (autorrevelación, gustos y experiencias individuales, forma confidencial), el humor, el estilo brillante, una estructura indefinida, una temática nueva poco convencional, la forma original, la ausencia de rigideces o afectaciones, el tratamiento incompleto o tentativo de un tema (CATALÀ, 2014, p. 15).

Ele destaca ainda a sua importância na atualidade, ressaltando a combinação, que considero mágica, de autobiografia, autorreflexão e estilo sedutor e criativo.

La forma ensayo es ahora pues la heterodoxia necesaria. Por ello el ensayo, con su elaborada combinación de autobiografía, autorreflexión y estilo seductor, con su alianza, en fin, entre arte y ciencia, se presenta hoy como el modo más adecuado para recuperar para la imaginación compleja una exuberancia ornamental ahora plenamente creativa (CATALÀ, 2014. p. 11).

No livro *Página Ampliadas*, Lima divide o ensaio em dois: o formal e o informal. No primeiro, está centrada a razão, tratada de forma impessoal com a finalidade de achar um entendimento usando o raciocínio de forma metódica e objetiva, abordando os assuntos didaticamente. Já no segundo, existe mais espaço para a subjetividade que pode ser tratada de forma mais ampla sem um método específico. Ambos têm, no entanto, o mesmo objetivo: a busca pela compreensão.

O ensaio pessoal exige, portanto, muita coragem do autor. Disposição para despir-se por inteiro para o leitor. A humanização que se destaca nesse caso é a do próprio escritor, sua vulnerabilidade diante de acontecimentos sumamente tocantes. Revela-se frágil ou tomando consciência de seus limites, diante dos paradoxos da vida. Ele é o protagonista da sua própria história, mas não a conta, apenas. Filósofa. Mas faz isso de um patamar de necessidade orgânica profunda.

O movimento para expor seu mundo interior procede das entranhas. A cura vem pela exposição (LIMA, 2006, p. 432).

A passagem do ensaio pessoal para o ensaio, o qual denomino de jornalístico, ocorre quando este é sustentado pelo método científico de conhecimento. Sobre as formas do compreender por meio da seara da subjetividade, as quais encontram inúmeras possibilidades no campo das ideias, pensamentos e experiências que se transmutam posteriormente no ato de reportar. Acredito ser de imensa importância para o jornalista não desviar de seus propósitos iniciais, que são a objetividade (sem preguiça) do tema e o equilíbrio dos pontos de vistas levantados durante uma pesquisa polifônica. Limitar-se apenas ao universo da observação e reflexão sem se amparar com rigor nos métodos de captação investigativa, podendo implicar na falta de racionalidade e em um texto fechado, sem diálogos, que não contempla a essência de seu propósito inicial.

[...] a atitude intelectual e humanamente compreensiva, no caso específico do conhecimento científico, não exime os sujeitos da responsabilidade de cuidar bem, e com rigor, de quanto tem a ver com os modos de investigação de seus objetos, as metodologias e as teorias que sobre eles se debruçam, nos múltiplos campos e disciplinas. Ao propor a procura incessante da primazia da comunicação sobre a *incomunicação* no universo dos saberes, o Signo da Compreensão tem consciência de que não pode ser julgada fértil uma razão fechada ao diálogo intelectual e intersubjetivo. Do mesmo modo como o abandono da razão e o puro desleixo frente ao apelo à objetividade, com a consequente entrega de si mesmo aos impulsos incontroláveis da parte não racional do ser humano, tendem a arrastar esse mesmo ser humano para o planeta conhecido da irracionalidade, da violência e da morte (KÜNSCH, 2008, p. 173-174).

### **Um resgate e/ou uma reforma de pensamento?**

Vivemos em uma época na qual as pessoas se amparam muito mais na percepção econômica para resolver os problemas pessoais e do mundo, do que qualquer outra percepção. Grande parte de nós possui dificuldade ou simplesmente não quer assimilar que os problemas os quais enfrentamos atualmente são de ordem universal. Isso ocorre em todos os campos e o da nossa pauta, o jornalístico, não foge à regra. É preciso audiência, de outra forma viveríamos apenas de poesia, eu sei. Mas será que

nosso pensamento deve se amparar apenas em dados, números, índices e regras da ABNT? E as pessoas? Como quantificar sentimentos, sensações? Como eleger qual forma de expressão é válida? O que significa válido cara-pálida?

Tudo que foge ao cálculo é eliminado nesse tipo de pensamento estritamente científico, fazendo com que tenhamos sempre uma ideia simplista e reducionista do mundo. Temos a tendência de homogeneizar tudo, um tipo de *Mcdonaldização* da sociedade, fazendo com que o pensamento se adeque e se restrinja à forma e esquecendo que esta é originária daquele. Sempre que simplificamos algo estamos violentando o pensamento. A simplificação nada mais é do que a barbárie do todo.

Precisamos de ideias sem formas pré-definidas ou impostas para conhecermos melhor o mundo que habitamos. As ideias são instrumentos conceituais para a construção do conhecimento, mas ao invés de sermos esmagados por ideias pré-existentes precisamos abrir um diálogo com elas. Uma união da cultura científica com uma cultura humanística.

Daqui faço uma conexão direta com o pensamento complexo de Morin. Na simplicidade de minhas palavras procuro comparar as diferenças existentes e destacar a importância de compreender a sua visão de mundo. Todas as características desse pensamento podem ou deveriam ser encontradas nos ensaios jornalísticos que buscam orbitar no signo da compreensão.

**Quadro comparativo entre o pensamento simplista e o complexo:**



<b>PENSAMENTO SIMPLISTA</b>	<b>PENSAMENTO COMPLEXO</b>
Segmentado e direto demais; Tentativa de apropriação da verdade; Parte de uma ideia pré-concebida;	Complexo, profundo e interligado;
Tenta controlar a informação;	Aproximação da realidade humana;
Busca pela completude: exatas, simétricas e conclusivas;	Busca pela clareza, aberto ao novo;
Pensamento mutilador e gerador de ações mutilantes;	Articulação entre os diversos campos de pesquisa e disciplinas;
	Busca novas possibilidades, permite abertura e aceita a assimetria;
	Pensamento agregador e gerador de ações de integração;

A partir de reflexões sobre várias áreas do conhecimento, o pensamento complexo mostra que o fazer científico modificou-se e continua sendo modificado num processo dialógico transdisciplinar. Por que tanta separação? Nascemos em sociedade, vivemos em sociedade. Tenhamos uma abordagem mais inclusiva e plural sobre a organização do conhecimento. Sejamos mais compreensivos. “É preciso substituir um pensamento que isola e separa por um pensamento que distingue e une (MORIN, 2005, p.85).

### **Aprender a compreender**

Na obra *Sete saberes necessários para a educação do futuro*, um dos saberes de Edgar Morin me chamou a atenção, pois está relacionado diretamente com o objeto de estudo deste artigo: o ato de compreender.

Morin avalia que a compreensão não pode ser quantificada e menos ainda explicada. A compreensão necessita de simpatia, generosidade, sinceridade e um esforço pela identificação. Uma forma de aprender em conjunto, de abraçar ideias de outros, mesmo que por um breve momento. É preciso nos esforçarmos para entender o

**10<sup>o</sup> Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**

<http://www.casperlibero.edu.br> | [interprogramas@casperlibero.edu.br](mailto:interprogramas@casperlibero.edu.br)

outro, por mais difícil que isso possa ser. Eu disse entender, e não concordar. Mas para isso é necessário uma reforma da mentalidade, é preciso disposição.

Uma tentativa (*essay*) de melhor entendimento sobre apreender a compreender é separar o tema em dois: a compreensão intelectual e a compreensão humana.

Na primeira é possível encontrar características como a objetividade e a explicação. Uma definição de objeto a ser conhecido, necessário para uma compreensão intelectual mensurável, formatada e padronizada. Já a humana comporta um conhecimento sujeito a sujeito, viu a diferença? Aqui é sujeito, a outra, objeto. Só isso já me diz tanto de cada uma. A humana busca e aceita ideias e formas de expressão e reflexão que vão além da explicação simplista. Nela, inclui-se um processo de empatia, de identificação e de projeção. Eu no lugar do outro. Eu no universo no outro. Eu Tu. Não, Eu Ele. Abertura, simpatia, generosidade e compreensão. Sempre compreensão.

Mas afinal o que é compreender? Compreender é diferente de explicar. A explicação fecha, a compreensão abre. A compreensão é ilimitada, a explicação é reducionista. A compreensão elege considerações iniciais, a outra, finais. Mas como podemos seria possível colocar um ponto final sobre um determinado assunto? Como as áreas do conhecimento sobreviveriam sem vírgulas, reticências e pontos de interrogação...?

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única, ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo. Idealmente, o jornalista literário não julga ou opina panfletariamente sobre um assunto. Busca evitar preconceitos, assim como leituras rígidas da realidade. Tenta ultrapassar os estereótipos, levantando a compreensão de uma situação por inteiro, iluminando-a sob diferentes óticas. (LIMA 2009, p. 366)

Um tanto arrogante eleger verdades absolutas, sendo que essas sempre são partes de algo que nunca pode ser absorvido inteiramente. Aliás, nunca e sempre, são palavras que limitam. Mas o que torna o ensaio tão sedutor? Seria a marca pessoal do autor no

texto, na imagem ou na interpretação? A abertura do diálogo que o formato permite? Mesmo sozinhos não estamos sempre dialogando com nossos pensamentos. A vida não é um monólogo, ou pelo menos não deveria ser.

## **Considerações Iniciais**

Vigor, sedução, dinamismo, compreensão, simpatia, boa vontade, polifonia, todas essas são palavras que me despertam, que fazem com que eu sinta, que me provocam. Morte ao texto morno, a vida deve ser vivida com vigor.

Alguns perguntarão onde está a novidade, ou onde existe o conflito, ou até mesmo onde quero chegar. Para esses digo que a minha resposta se apoia nas incertezas e no acaso que encontramos na busca pelo conhecimento. Deixo nas mãos desses tudo aquilo que nunca tive controle, apenas a coragem de perguntar, de insinuar e a ousadia de tentar compreender. Não preciso chegar a lugar nenhum: a estrada que percorro pela busca da compreensão já me trouxe mais alegria do que qualquer artigo, livro ou tese que eu possa vir a escrever. Para mim isso já basta. Para você que me lê, peço boa vontade. Peço que ouça as vozes que falam comigo. Peço que enxergue os sujeitos que encontre por essa busca. Peço que prefira resgatar a quantificar ou concluir o objeto desse estudo. A consciência da complexidade nos faz compreender que não poderemos escapar jamais da incerteza e que jamais poderemos ter um saber total: “a totalidade é a não verdade” (MORIN, 1994, p. 101).

## **Referências**

- ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.
- CATALÀ, Josep M. Notas sobre el método. 2011. Disponível em <[http://portalcomunicacion.com/lecciones\\_det.asp?lng=esp&id=64](http://portalcomunicacion.com/lecciones_det.asp?lng=esp&id=64)> . Acesso em: 20 jul. 2014.
- KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos: os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2000.
- KÜNSCH, Dimas Antônio; BARROS, Laan Mendes de. **Comunicação: saber, arte ou ciência?**. São Paulo: Plêiade, 2008.

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Manole, 2009.

MORIN, Edgar & Kern, Anne Brigitte. **Terra-pátria**, Porto Alegre: Sulina, 1995.

MORIN, Edgar. **Introducción al pensamiento complejo**. Barcelona: Geisa, 1994.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem feita: repensar a reforma o pensamento**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2005.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

OLIVEIRA, Jose. São Paulo: **Modelo Mental e metodologia de análise de imagem na grafitecidade**. Artigo apresentado no 8º interprogramas de mestrado da Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2012.

RESTREPO, Luiz Carlos. **O direito à ternura**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHILLING, Voltaire. **Montaigne e Seus Ensaio**. In: Artigos. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/montaigne.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2014.